



O PRIMEIRO CONTATO DO POVO PANDÉÉRÉÉJ DO MUNICÍPIO DE ARIPUANÃ: UMA PERSPECTIVA INDÍGENA

Beatriz Cinta Larga¹
Regiane Cristina Custódio²

RESUMO

O objetivo deste texto é discorrer sobre o primeiro contato do povo *Pandééréj*, do município de Aripuanã, Mato Grosso, com o não indígena. Na perspectiva da pesquisa bibliográfica a leitura de João Dal Poz Neto (1991), “No país dos Cinta Larga. Uma etnografia do ritual”; e “Tradição oral e história oral: revendo algumas questões”, de Julie Cruikshank (2002) contribuíram muito. O ponto marcante da pesquisa que originou este artigo diz respeito à narrativa de dois anciões do povo *Pandééréj* que participaram como consultores nativos. São eles: Eduardo *Kaban* Cinta Larga e Capitão Cinta Larga, que são os protagonistas da história sobre o primeiro contato, pois eles estiveram presentes e se constituem como testemunhas.

PALAVRAS-CHAVE: Povo *Pandééréj* – Metodologia qualitativa – Narrativa.

THE FIRST CONTACT OF THE PEOPLE PANDÉÉRÉÉJ OF ARIPUANÃ TOWN: AN INDIGENOUS PERSPECTIVE

ABSTRACT

The purpose of this text is to discuss the first contact of the *Pandééréj* people, from Aripuanã Town, in Mato Grosso state, with the non-indigenous. In the perspective of bibliographical research, the reading of João Dal Poz Neto (1991), "In the country of Cinta Larga. An ethnography of ritual"; and "Oral Tradition and Oral History: Reviewing Some Issues", by Julie Cruikshank (2002) contributed greatly. The salient point of the research that originated this article concerns the narrative of two elders of the *Pandééréj* people who participated as native consultants. They are: Eduardo *Kaban* Cinta Larga and Captain Cinta Larga, who are the

¹Graduada em Pedagogia Intercultural na Universidade do Estado de Mato Grosso/UNEMAT, Campus de Barra do Bugres. Professora na Escola Estadual Indígena Pasapkareej, em Aripuanã – MT. O texto deriva da monografia desenvolvida pela acadêmica e foi apresentado na *I Jornada dos Povos do Brasil* realizada na Universidade Federal de Mato Grosso, câmpus de Cuiabá, de 03/10/2016 a 05/10/2016. Redação adaptada para esta versão. E-mail: kabanbeatriz@gmail.com

² Professora Adjunta da Universidade do Estado de Mato Grosso, *Campus* de Tangará da Serra. Membro do grupo de Pesquisa: Cultura, Política e Sociedade. Professora da Faculdade Indígena Intercultural/FAINDI. Faz parte do quadro de professores do profhistória, UNEMAT/Cáceres. Orientadora da monografia de Beatriz Cinta Larga. E-mail: regianecustodio@unemat.br

protagonists of the story about the first contact, because they were present and constitute themselves as witnesses.

KEY WORDS: *Pandééréj* People – Qualitative Methodology – Narrative.

1 Introdução

Este artigo resulta da monografia defendida no ano de 2016 no curso de Pedagogia Intercultural da Universidade do Estado de Mato Grosso/UNEMAT, Campus de Barra do Bugres, e teve por título: Povo *Pandééréj*: uma história de contato.

O objetivo deste artigo é discorrer sobre o primeiro contato do povo *Paneréj*, do município de Aripuanã, Mato Grosso, com o não indígena, pois tem interesse em conhecer as motivações que levaram o povo *Pandééréj* a fazer o primeiro contato.

O título “o primeiro contato do povo *Paneréj* do município de Aripuanã: uma perspectiva Indígena” quer dizer que a escrita está sendo feita a partir de um olhar indígena porque o objetivo é apresentar o que fez com que o povo *Paneréj* permitisse o contato com os não índios.

A ideia de investigar a história do primeiro contato do povo *Paneréj* de Aripuanã se deu com o objetivo de registrar a visão dos anciões que ainda estão presentes no meio do povo e conhecer sua perspectiva sobre este acontecimento.

Fazendo parte da etnia *Paneréj*, considera-se ser enriquecedor para esse povo ter uma pesquisa realizada dentro da aldeia e que sejam ouvidos os anciões que fizeram parte do primeiro contato. Uma pesquisa feita por uma indígena, e mais ainda, por uma professora indígena, destaca que é importante aprender sobre o povo, sobre suas raízes, de modo que o conhecimento construído a partir daí, possa trazer um fortalecimento da identidade cultural³.

Na ocasião do magistério no projeto de formação de professores indígenas *Hayô*, no trabalho de conclusão daquele curso, o foco também foi a história do povo da etnia *Paneréj*.

³ No Curso de Magistério que foi concluído em 2010, na cidade de Juína, Mato Grosso, realizei um trabalho de final de curso com o título de: “Separação dos Clãs Cinta Larga”. Deste trabalho foram retiradas algumas informações que constam no trabalho de conclusão de curso de Pedagogia Intercultural Indígena, realizado na Unemat/Barra do Brugres. Antes, porém, é preciso dizer que as informações que constam no trabalho de magistério foram resultado de entrevistas realizadas com vários anciões das aldeias Cachoeirinha, Areião e Flor da Selva, localizadas em Aripuanã.

Embora seja de conhecimento de que já existem estudos sobre o povo Cinta Larga e um deles, que recebe destaque, é a dissertação de mestrado do professor João Dal Poz Neto (1991), no entanto, um estudo realizado com um olhar “de dentro” parece ser uma proposta diferente. Traz motivação em estudar para compreender o que diz o próprio povo *Panerééj*.

A aldeia Cachoeirinha, local em que vive o povo *Panerééj*, e onde a pesquisa foi realizada, fica localizada a 108 quilômetros do município de Aripuanã. Lá vivem também seis famílias e somam uma 30 (trinta) pessoas. A aldeia tem uma escola com uma sala de aula, uma cozinha com despensa e dois banheiros. Toda a escola é feita de alvenaria e atende os anos iniciais. O nome da escola é Escola Estadual Indígena *Pasapkarééj* e nela tem sete salas anexas que corresponde a cada uma das aldeias, e umas delas pertence à aldeia em que a pesquisa foi realizada. Na escola, em geral, trabalham seis professores indígenas e dois não indígenas, também tem diretor, coordenador e secretária.

Na sequência, um pouco mais de informações sobre o povo *Pandéérééj*.

2 Sobre o povo *Pandéérééj* – os Cinta Larga

Sobre a sua localização, o povo *Pandéérééj* está situado em quatro áreas não contínuas: Parque Aripuanã (MT), Terra Indígena Aripuanã (Município de Aripuanã-MT), Terra Indígena Serra Morena (Juína-MT) e a Terra Indígena Roosevelt (Espigão do Oeste-RO), totalizando mais de 2,7 milhões de hectares (DAL POZ NETO, 1991)⁴.

Entre o povo *Pandéérééj* existem três clãs que são: *Kaban*, *Kakin* e *Máám*. Dentro desses clãs existem também os subgrupos. Os subgrupos do *Máám* são: *máándúúleej*, *máágyyj* e *máándereej*. Os clãs *Kaban* e *Kakin* não têm subgrupos.

⁴ As áreas indígenas possuem medidas de áreas distintas. O parque de Aripuanã conta com 1.603,246 hectares, áreas. A terra indígena Roosevelt conta com 230,826 hectares; a Serra Morena possui 147,836 hectares e em Aripuanã a área contabiliza 750,649 hectares (DAL POZ NETO, 1991).

No que diz respeito aos aspectos linguísticos, o Povo *Pandééréj* é um grupo indígena falante de uma língua pertencente ao tronco linguístico *Tupi Mondé* e é também conhecido como Cinta Larga devido aos não índios que os denominavam por esse nome, por estarem usando uma cinta larga quando ocorreu o contato, por esse motivo o povo recebeu este nome pelos não índios (DAL POZ NETO, 1991).

Sobre a população, o povo *Pandééréj* somou em 2014 cerca de 1871 (mil oitocentos e setenta e uma) pessoas, distribuídas em dois estados, Mato Grosso e Rondônia, conforme o quadro a seguir:

Quadro 1: População do povo *Pandééréj*:

Município	População
Juína – MT	346
Aripuanã – MT	366
Cacoal – RO	1159
Total	1871

Fonte SIASI / 2014

É comum e de conhecimento geral entre o povo Cinta Larga a existência dos três clãs: *Kaban*, *Kakin* e *Máám*. Dentro desses clãs existem também os subgrupos. Os subgrupos são *Máám*: *Máánduleej*, *Máágyyj* e *Máándúúleej*. Os clãs *Kaban* e *Kakin* não têm subgrupos.

As crianças do povo *Pandééréj* aprendem que antigamente, *Ngura* (Deus) vivia junto com o seu neto, na terra, mas *Ngura* não tinha ideia do que seu neto fazia. Enquanto *Ngura* buscava uma solução para criar novas pessoas desenhando nas pedras, o seu neto faziam relação sexual com o barro (argila), pois a argila sugava o seu espermatozóide, e por isso não conseguia fazer um filho. A argila não possuía útero e num certo momento o neto do *Ngura* juntou o seu espermatozóide em um ouriço de uma castanha. Foi daquele ouriço que conseguiu dar vida a uma criança que deu origem ao clã *Máám*, segundo contam os mais velhos.

Então, ele começou a criar os descendentes. O primeiro descendente foi o *Máám* (castanheira) pegando um ouriço da castanha quando surgiu dela uma criança, por isso o clã de *Máám* tem sua origem na castanheira. O segundo clã foi a vez do *Kaban* que surgiu de uma fruta da árvore de *kabannaap* (Mirandiba) outra criança. O terceiro foi a vez do *Kakin* que

surgiu também de uma fruta, mais dessa vez, de um cipó. Todos os descendentes dos clãs do povo *Pandééréj* surgiram desta forma.

Nos relatos dos anciões Capitão Cinta Larga e Eduardo Kaban Cinta Larga, eles narram que havia mais de três clãs, mais com os conflitos que existiam entre os clãs *máangyyéj* e *wabeapbéj*, esses desapareceram. Os que resistiram após os conflitos foram só esses três que atualmente se mantêm. Existem também sub-grupos do clã *Máám* que são: *maandúúléj*, *máangyyjeéj* e *máánderéj*, somente estes clãs têm sub grupos.

Existe ainda uma classificação entre os clãs. O clã *Máám* tem a pele cor morena escura e são altos, os do clã *Kaban* são baixos e gordinhos e os do clã *Kakin* também são altos e a cor da pele é clara, as mulheres *Kakin* têm os cabelos crespos e as mulheres *Kaban* e *Máám* tem os cabelos lisos. São essas as características físicas de cada clã e a partir dessas características físicas era possível reconhecer e saber qual clã a pessoa pertencia. Atualmente essa característica mudou muito, pois hoje tem *máám*, *Kaban* e *Kakin* alto, baixo e gordo. É comum que os indígenas *Pandééréj* saibam destes fatos.

No começo *Ngura* chamava cada clã pelo nome, mais depois ele escolheu um único nome para todos e os chamou de *Pandééréj*, que foi usado por todos.

O povo *Pandééréj* também se reconhece pela região onde mora, como os *Máám* se auto denominavam como *Mbipkareej* os quais estão localizados em sua maioria no estado de Rondônia nos municípios de Cacoal e Espigão do Oeste, enquanto a maior parte dos *Kaban* está em Mato Grosso e se reconhecem como *Pasapkaréj*, no município de Aripuanã. Já a maior parte dos *Kakin* vive no município de Juína. Estes se chamavam *Ngaaruluwéj*, mas mesmo tendo todos estes nomes o principal mesmo era o *Pandééréj*.

De modo geral, a sobrevivência do povo *Pandééréj* em seu cotidiano é garantida através da pesca, pesca com timbó⁵ e caça, plantam alimentos na roça como: mandioca, cará, batata-doce, amendoim. Dos alimentos retirados da roça é feito a chicha que é feita de mandioca, milho, cará, batata doce. Também coletam frutas do mato e mel.

Os anciões narram que antigamente o povo vivia apenas da pesca, caça fazia roças, plantava e, vivia basicamente dos alimentos da roça. Após o contato com a sociedade não indígena mudou muito, pois agora necessitam de materiais dos não índios, ou seja, após o contato, aumentou o consumo de produtos industrializados, como por exemplo: arroz, feijão,

⁵ O timbó é um cipó e a pesca com timbó é realizada batendo o timbó no rio para que solte a espuma que é uma substância que faz com que os peixes boiem na água, facilitando a captura.

açúcar branco, café, sal, óleo de soja, sabonete, creme dental, dentre outros, e pode-se dizer que a alimentação modificou bastante.

Antes, o trabalho era fazer a roça, plantar e cuidar da roça. Com o contato, nasceu também a necessidade de um trabalho que seja remunerado para que o povo possa ter acesso aos produtos do supermercado. Por essa razão, recorrem ao trabalho que não eram acostumados a praticar, não quer dizer que antes o povo não trabalhava o que se quer dizer é que o modo de trabalhar se transformou. Antes, não havia necessidade de dinheiro, atualmente, o dinheiro tornou-se necessário. Assim, ter uma renda familiar é preciso, e, por isso, é necessário trabalhar de forma diferente, claro que continuam com as plantações dos alimentos da cultura, porém, o contato com os não indígenas modificou o modo de viver, o modo de organização, a alimentação e a rotina cotidiana.

Antes, os idosos indígenas não tinham acesso à aposentadoria. Atualmente, a maior parte deles tem sua aposentadoria garantida. E é importante destacar que grande parte das mulheres tem acesso ao Programa de Governo Bolsa Família⁶.

Atualmente para ter uma renda familiar, há indígenas que já tem uma profissão definida, muitos são professores, agentes de saúde, agentes de saneamento, isso não é da cultura, mais foi necessário haver adaptações aos modos de viver dos não indígenas. Então estudar, formar, ter uma profissão, agora também acontece entre os Cinta Larga.

Atualmente, também tem um projeto de coleta de castanhas em parceria com a cooperativa “Coopavam, sentinela da floresta”⁷, assim, aqueles que não tem emprego fixo, trabalham na safra da castanha e através da Associação *Pasapkaréej*, são pagos os coletores da castanha e assim o povo Cinta larga consegue ter uma renda. Esses são os modos de sobrevivência atualmente do povo *Pandééréj*, com muita luta, para ter o seu lugar no mundo ocidental.

⁶ Bolsa família é um programa de transferência direta de renda, direcionada às famílias em situação de pobreza de extrema pobreza em todo país, de modo que consiga superar a situação de vulnerabilidade e pobreza. O programa busca garantir a essa família o direito a alimentação e o acesso à educação e a saúde. Informações disponíveis em: <<http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2015/04/bolsa-familia-beneficia-mais-de-13-mi-familias-de-baixa-renda>> Acesso em: 26 ag. 2015.

⁷ A Coopavam atua na região noroeste de mato grosso e esta sediada no município de juruena ela é a única cooperativa que trabalha com produtos da sociobiodiversidade envolvendo agricultores familiares de assentamentos e aldeias de três terras indígenas, a cooperativa que foi criada em 01/05/2008 no município de Juruena- MT do interesse de um grupo de agricultores familiares do assentamento do Vale Amanhecer em trabalhar com os produtos florestais não- madeireiros. Informações disponíveis em: <coopavam.org.br> Acesso em: 26 ag. 2015

As mulheres confeccionam artesanatos para vender e comprar o que necessitam, mas infelizmente não tem ainda um ponto de venda para esses artesanatos e não tem um projeto que seja diretamente voltado a esse trabalho, por enquanto.

As principais festas tradicionais, danças e pinturas corporais do povo Cinta Larga são: *Ít Wae* [festa da chicha] *Ngunt a waéj* que são rituais de recém-nascido, menina-moça, aprendizagem do menino, além dos remédios tradicionais.

Antigamente mesmo quando o povo vivia numa aldeia muito grande, em família, no tempo de fazer a roça e plantação o cacique chamava todos os homens para fazer a roça e plantar em uma roça coletiva e as mulheres também ajudavam. Quando havia confecção de arco e flechas os homens iam em grupo até a mata para fazer as flechas. Enquanto isso as mulheres cuidavam dos seus filhos e dos seus serviços em casa, faziam comida, e também iam em grupo de mulheres até a roça para tirar o alimento para ser consumido.

Atualmente isso não acontece mais, pois tem aldeia distante uma da outra e não há muita união no grupo, o que dificulta o trabalho coletivo. Atualmente não se junta mais, não se une mais como era antigamente. Existe, no presente, um individualismo porque cada um se preocupa com suas próprias necessidades. O presente trouxe muitas transformações, na alimentação, na rotina diária, no trabalho e principalmente na organização e na união do grupo. Uma área grande e em uma aldeia grande nos dias atuais o modo de viver é bem diferente do modo como se vivia no passado.

No entanto, o povo *Pandéérééj* vive em pequenas aldeias com poucas famílias, isso é uma situação crítica para um povo que era unido, e que hoje vive às vezes em discordância, e isso é o que se pode observar como efeito do contato com o não indígena.

Porém muitas coisas permanecem: o idioma, as festas, as pinturas corporais, os alimentos tradicionais do povo, mas apesar de haver uma relativa discordância em relação a alguns assuntos, quando se trata de uma luta pelos direitos do povo, aí acontece a união e o diálogo e é possível observar o respeito às diferentes opiniões, considerando que os mais velhos têm o seu voto de confiança. O que mudou também foram as habitações, pois atualmente o povo vive em casas de madeira ou alvenaria e não moram mais em malocas feitas de palha com várias pessoas. Cada família tem sua casa para morar.

Na sequencia se pode ler sobre os procedimentos teóricos e metodológicos adotados na pesquisa.

3 Sobre os procedimentos teóricos e metodológicos

Na perspectiva da pesquisa bibliográfica realizou-se a leitura de João Dal Poz Neto (1991), “No país dos Cinta Larga. Uma etnografia do ritual”; de Julie Cruikshank (2002), “Tradição oral e história oral: revendo algumas questões”; além de outras leituras e consultas ao site Socioambiental, em que se pôde ler sobre os povos indígenas no Brasil.

O método de pesquisa bibliográfica, como dito acima, foi muito importante, mas o destaque são as entrevistas com os anciões do povo *Pandééréj*: Eduardo *Kaban* Cinta Larga e Capitão Cinta Larga que são os protagonistas da história que foi estudada, pois eles estiveram presentes no primeiro contato com os não indígenas no município de Aripuanã.

O contato em Mato Grosso se deu em Aripuanã quatorze anos depois do acontecimento que ficou conhecido como “Massacre do Paralelo 11” em que mais de 3.500 indígenas da etnia *Pandééréj* foram mortos.

Na notícia veiculada no Jornal “Estadão do Norte” de Porto Velho, Rondônia de 10 de fevereiro de 2006, pode-se ler o seguinte:

O Massacre do Paralelo 11, ocorrido em 1960, quando morreram cerca de 3.500 Cinta Larga envenenados por arsênico. “Esse assassinato em massa dos índios Cinta Larga foi cometido por pistoleiros a mando de empresários sem escrúpulos, com a cobertura de funcionários do então Serviço de Proteção ao Índio (SPI), entre eles o major da Aeronáutica, Luiz Vinhas Neves”, lembra o indigenista Ulisses Capozzoli. O Massacre do Paralelo 11, como ficou conhecido um dos mais horrendos episódios de que se tem notícia até hoje no Brasil, incluiu do roubo ao estupro, passando por grilagem, assassinato, suborno, tortura e outras agressões que chocaram o então ministro do Interior, general Albuquerque Lima, que mandou demitir um dos principais envolvidos no incidente, o então chefe do SPI, major Luiz Vinhas Neves, responsável pela chacina dos Cinta Larga. Segundo Capozzoli, fazendeiros com ajuda de funcionários do SPI presentearam os índios com arsênico, veneno letal. “Em algumas aldeias, aviões atiraram brinquedos contaminados com vírus da gripe, sarampo e varíola”, recorda o indigenista, que considera o Massacre do Paralelo 11 como um dos mais sangrentos confrontos acontecidos nas matas da Amazônia brasileira. Os pistoleiros, liderados por Chico Luiz, a mando do seringalista Antônio Mascarenhas de Junqueira, invadiram a reserva indígena, armados de metralhadoras e winchester-44 (“papo-amarelo”, arma de alto poder de fogo, além de pistolas 38). “Os índios não tinham como se defender sob a fuzilaria deflagrada pelo disparo de Ataíde, mas o grupo só atravessou o rio quando se deu conta de que todos estavam mortos”. Acrescenta Capozzoli. (Reportagem do Jornal: “Estadão do Norte-Porto-Velho-Ro”. 10/02/2006).

Conforme se pode observar do que foi veiculado no Jornal acima citado, as memórias do indigenista Ulisses Capozzoli se tornam de extrema importância para lembrar um acontecimento que marcou a história do povo *Pandééréj*, nomeado Cinta Larga, pelos não

indígenas. A violência usada pelos não indígenas deixa ver claramente a lógica do sistema capitalista de ampliar riquezas e aumentar lucros a qualquer custo. A história de aproximação dos não indígenas com o povo *Pandééréj*, não é uma história amistosa, nem tampouco uma história de paz. A violência e a barbárie dos não indígenas marcou profundamente a história do povo desta etnia no Brasil contemporâneo.

Os mais velhos *Pandééréj* que vivem em Mato grosso, falam sobre os alimentos envenenados, relatam memórias de situações que envolveram tiros de armas de fogo, além de dinamites que eram lançadas de avião, nas aldeias durante uma festa que acontecia. Então, esses acontecimentos de violência preocupavam o povo *Pandééréj*.

Diante do que foi apresentado os *Pandééréj* que viviam, naquela época, em Mato Grosso, consideravam que o contato era necessário porque de algum modo ele chegaria, pois se os não indígenas haviam se aproximado dos *Pandééréj* que viviam em Rondônia, certamente não demorariam a se aproximar dos *Pandééréj* que viviam em Mato Grosso, foi o que narraram os anciões entrevistados.

Ainda outra pessoa importante na história da aproximação do povo *Pandééréj* com os não indígenas é Naki Kaban Cinta Larga, porque ele também esteve presente na história do contato, não exatamente no primeiro contato, no entanto, no segundo contato a sua participação foi de grande importância porque, segundo o Capitão Cinta Larga, pelo fato de ele ser o mais velho do grupo ele conseguiu fazer com que os demais compreendessem a importância de um contato amigável com os não indígenas, em virtude da própria necessidade do povo *Pandééréj*. A partir de então, foi possível que a aproximação dos não indígenas ocorresse em Aripuanã, e tudo isso aconteceu graças a intervenção de Naki Kaban Cinta Larga, que segundo o Capitão Cinta Larga, pode ser considerado uma liderança, e alguém de muito respeito junto ao Povo. Naki faleceu durante a realização da pesquisa e não foi possível realizar entrevista com ele.

Segundo informações fornecidas pelo Instituto Socioambiental⁸, ao longo de sua história de contato, a relação entre os Cinta Larga e a sociedade nacional é bastante singular: todos os contatos amistosos foram estabelecidos por nítida iniciativa dos indígenas. Desta forma, o que se pode ler na história dos Cinta Larga que é veiculada no referido site “foram os Cinta Larga que pacificaram os ‘brancos’”; o que se considera ser um feito inédito. Data do mês de janeiro de 1974 a história e a “pacificação” partiu dos próprios Cinta Larga. Quando narram a visita à

⁸ Informações disponíveis em: <<https://pib.socioambiental.org/pt/povo/cinta-larga/420>> Acesso em: 2 maio, 2016.

cidade. Os Cinta Larga que participaram do encontro com não indígenas contam que desejavam obter ferramentas – *dabékara weribáte*: os machados e terçados estavam acabando e era necessário que tivessem ferramentas que pudessem auxiliar na lida cotidiana do grupo. Os indígenas que rememoram os momentos do primeiro contato explicam que houve aproximações sucessivas.

A coleta de dados para a monografia aconteceu sob a inspiração da metodologia qualitativa que é diferente do método quantitativo que se preocupa com dados numéricos, e que está fundamentado no pensamento positivista. O método qualitativo, por sua vez, tem uma orientação que privilegia o paradigma interpretativo. Dessa forma, a racionalidade cede espaço à subjetividade (MINAYO, 1994).

Considero importante dizer que quando escolhi este tema para o meu trabalho de conclusão de curso fui motivada pelos relatos de pesquisadores não indígenas que falam sobre o povo *Pandéérééj*. Portanto, pesquisar a história do meu povo *Pandéérééj* sendo um não indígena é bem diferente do que pesquisar sendo uma indígena *Pandéérééj*. No caso do pesquisador não indígena, ele não tem a possibilidade de realizar uma entrevista com um ancião do povo, na língua materna, por exemplo.

Outro fato que me motivou a fazer a pesquisa foi também porque o povo *Pandéérééj* sempre levou consigo uma má reputação devido à sua área estar localizada em região de garimpo, como por exemplo, em Rondônia, onde ocorrem conflitos entre não indígenas e indígenas, e por isso sofrem discriminação por parte da sociedade não indígena que generaliza os conflitos como se todo o povo fosse agressivo e violento. Quando a mídia mostra, existe uma tendência à generalização. Nesse sentido o meu interesse é mostrar que o povo *Pandéérééj* não é um povo violento no seu modo de ser, mas, a situação que os não indígenas os submeteram, os fizeram violentos, é um mecanismo de defesa. Se fomos atacados, temos de nos defender. E, também apresentar aos próprios indígenas, principalmente aos mais jovens, a sua história sobre como se deu o contato com os não indígenas.

O método de pesquisa bibliográfica foi fundamental para a realização deste trabalho. Assim, uma das importantes leituras durante o percurso de realização da pesquisa foi a dissertação de mestrado de João Dal Poz Neto (1991). O foco da dissertação de Dal Poz Neto (1991, p. 09) é o ritual no qual os Cinta-Larga, cantam, dançam, bebem e ao fim, sacrificam um animal. Ele apresenta uma extensa descrição das etapas do ritual e recorre ao contexto “etnográfico, mitológico e escatológico” em busca de decifrar o código simbólico que é

acionado no ritual. E quero chamar a atenção para o termo usado por esse pesquisador não indígena para o nome da etnia. Ele faz uso da expressão “Cinta Larga”, que é o nome que foi dado pelos não indígenas. O povo indígena, em sua organização interna, se autodenomina e se reconhece como povo *Pandéérééj*

A pesquisa qualitativa é importante na perspectiva da monografia que realizei, por abordar a dimensão social da realidade em um nível que não pode ser quantificado ou reduzido a variáveis quantitativas. Por estudar os significados, os motivos, as aspirações, as crenças e atitudes de grupos sociais diversos é que a metodologia de pesquisa qualitativa traz a sua contribuição, é o que diz Duarte (2006) e Minayo (1994). Esta metodologia permite um aprofundamento no nível dos significados das ações e relações humanas e possibilita que sejam identificadas as diferentes maneiras de perceber e descrever os fenômenos, segundo destacou Viertler (2002).

É importante mencionar que as entrevistas com os anciões nativos foram realizadas em língua materna, e só depois, transcritas. Primeiro, em língua materna, depois, traduzidas para a língua portuguesa. Além disso, é pertinente dizer que na tradução para a língua portuguesa foi realizada também correção gramatical.

Nas linhas que se seguem apresenta-se uma parte das entrevistas realizadas com os anciões Eduardo Kaban Cinta Larga e Capitão Cinta Larga.

3.1 Entrevista realizada com os anciões Eduardo Kaban Cinta Larga e Capitão Cinta Larga

A entrevista ocorreu no balneário Oásis onde estava acontecendo uma oficina de habitação histórica do povo *Pandéérééj*. Naquela ocasião perguntei para os anciões se eles poderiam conceder parte do seu tempo para uma entrevista que queria fazer com eles, expliquei qual era o objetivo da entrevista, então eles aceitaram concedê-la. A entrevista aconteceu no dia 14 de agosto de 2015 com duração de 1h:45 minutos e foi realizada/gravada na língua materna, e, depois, foi traduzida e transcrita para a língua portuguesa, e só então, foi colocada, novamente, em uma versão escrita na língua materna. Abaixo, segue a transcrição da entrevista com os anciões, traduzida para a língua portuguesa.

Ao serem indagados sobre como aconteceu o primeiro contato os anciões narraram:

Antes eu vi os brancos sozinhos de longe, e contei para o meu sobrinho, então ele queria também ver, então viemos em quatro pessoas para fazer o contato. (Ancião Eduardo. Entrevista realizada em 14/08/2015).

Não, foram seis pessoas uma mulher nossa mãe (Ancião Capitão. Entrevista realizada em 14/08/2015).

É mesmo! Agora me Lembro. (Ancião Eduardo. Entrevista realizada em 14/08/2015).

Segundo Maurice Halbwachs (2006) é na história vivida que as memórias se apoiam. E nesse sentido, ao rememorarem um mesmo acontecimento vivido pelos dois, as memórias do ancião Capitão servem de apoio às memórias do ancião Eduardo quando ele se recorda de que eram seis e não quatro pessoas que estavam juntas na ocasião do primeiro contato.

Ao serem indagados sobre como foi o primeiro contato, o ancião Eduardo narrou:

[...] e viemos pela mata até chegar num ponto que ouvimos um barulho, perto do rio e quando avistamos uma canoa que seguia a lagoa, então falei para os que estavam comigo agora é a hora, e onde pedi para se esconder atrás de uma árvore, pois temia que algo podia acontecer, e pois vocês tem se esconder para sobreviver, que vou ficar na frente e me apresentar para eles, e aconteceu o que eu pressentia que pudesse acontecer, quando eu disse *paikini pama amuj* [nós encontramos homem branco] aí o homem branco soltou da boca fumaça de cigarro e ficou espantado. Eu me dirigi a ele dizendo novamente *paikini pama*, e neste momento ele sacou a espingarda apontando para nós, eu disse para os meus companheiros ele vai nos matar. E fiz um sinal com mão, não queremos brigas viemos em paz. Enquanto ele continuava apontando para nós, mas antes que ele atirasse em nós apareceu um outro branco tirando a espingarda dele, então esse percebeu que estávamos ali em paz, e disse para o companheiro dele não faz isso parece que vieram em paz. Logo em seguida fez sinal chamando para mim seguir ele até o barraco e fomos, então pedi para os que estavam escondido para aparecer em seguida fomos de canoa ao barraco deles. Então aí cada um de nós abraçamos eles eu fui abraçar logo quem estava apontando a arma para mim eles ficaram tão espantados que tremia o corpo todo quando nos abraçava, então disse viu? Nos não quer briga queremos paz, e disse vai vim mais gente, vamos voltar novamente em número maior de pessoas. E achou que tinha entendido. (Ancião Eduardo. Entrevista realizada em 14/08/2015).

Na cena narrada pelo Ancião Eduardo, a lembrança do espanto ao encontrar o homem branco e, mesmo com o temor da presença da arma, os Cinta-Larga foram até o barraco onde eles estavam alojados. Naquela situação os Cinta-Larga, que já estavam organizados e preparados para encontrar os não indígenas, levavam consigo presentes como cocares, colares e flechas. Ainda que soubessem que o encontro poderia não ser amistoso, havia muita expectativa para o primeiro contato.

Para Henry Rousso (2002, p. 95) as memórias são componentes absolutamente necessários na (trans)formação das identidades dos sujeitos, das percepções de si e dos outros, daqueles com os quais conviveram ao longo de suas experiências de vida em contextos sociais distintos. O autor fala da memória como reconstrução psíquica e também intelectual que traz

ativamente uma representação seletiva do passado, e esse passado não é apenas o daquele que recorda, mas também do coletivo no qual o recordador fez ou faz parte. Nessa perspectiva, realizar a entrevista com os anciões, conjuntamente, foi interessante porque quando um deles esquecia algum detalhe, o outro o ajudava a lembrar.

O ancião Eduardo quando narrou o que aconteceu naquela ocasião do primeiro contato, se colocou como um narrador que consegue imprimir sentimento àquela vivência. Seus gestos são de emoção, ele ri, fala alto, quase grita, e foi possível perceber que ainda no momento da narrativa, distante no tempo do acontecimento vivido, a emoção teve um lugar expressivo⁹.

Ao rememorar o primeiro contato, o ancião Capitão relatou que aquela situação foi a primeira vez em que vestiram roupas. Segundo sua narrativa:

[...] vestimos pela primeira vez roupa, foi daí que conhecemos o uso de roupa a partir deste momento que estamos vestindo roupa. E os brancos nos vestiu com as suas roupas. (Ancião Capitão. Entrevista realizada em 14/08/2015).

Então o branco tirou das nossas cabeças os nossos cocares e colares. (Ancião Eduardo. Entrevista realizada em 14/08/2015).

Ao falar sobre as razões que motivaram o primeiro contato, o ancião Capitão relatou:

Foi por necessidade, pois necessitávamos de ferramentas como: facão, machado, panelas, roupas, calçados entre outras ferramentas e utensílios, pois precisávamos faca para apontar as flechas. Antigamente não tínhamos essas ferramentas, foi por isso que resolvemos fazer um contato pacífico, foi por isso, nós não queria atacar os brancos, porque o nosso objetivo era conseguir as coisas que precisava, mas nós não imaginava que nós ia usar roupa pra sempre, pois nós queria era só as ferramentas que cortasse. (Ancião Capitão. Entrevista realizada em 14/08/2015).

O que se pode observar do relato do ancião Capitão é que o primeiro contato com o não indígena mudaria substancialmente os modos de viver do povo *Pandééérééj*.

Na sua narrativa estão presentes uma apreciação sobre o primeiro contato, para ele houve aspectos positivos e negativos. O ponto positivo é ter conseguido as ferramentas e tê-las hoje, roupas, pois naquele tempo não usavam roupas, o uso de panelas, e outros utensílios. O ponto negativo são as doenças, o preconceito e a discriminação e muita morte dos parentes, além de perdas das práticas culturais, como por exemplo, caçar com flechas. Hoje em dia isto

⁹ Norbert Elias (1994, p. 07) considera que as memórias são tomadas como construção psíquica e intelectual, que produz uma representação seletiva dos acontecimentos vivenciados por um sujeito, portanto, não trazem as representações do indivíduo como “[...] uma entidade existindo em completo isolamento [...]”. As narrativas dão a ver que aquele que narra se revela como alguém inserido num contexto social, familiar e cultural.

está sendo deixado de lado, a entrada de bebidas alcoólicas, pois isso não é da cultura *Pandééréj*. Mas, mesmo assim, ele se considera feliz por ter feito o contato com o não índio, pois apesar das coisas que mencionou, o povo está bem e isso é o que importou. A intenção do contato nunca foi para querer o mal, ao contrário “sempre quis o melhor e quero o melhor para o nosso povo”. (Ancião Capitão. Entrevista realizada em 14/08/2015).

Nos relatos dos anciões Eduardo Kaban e Capitão Cinta Larga, o que foi marcante foi quando ocorreu o primeiro contato que aconteceu na beira do rio Aripuanã. Eles não sabiam se ia dar certo, pois temiam que o não indígena pudesse não entender o que eles diziam e iam acabar fazendo o mal para eles.

O contato se efetivou no dia 12 de janeiro de 1974 quando os guerreiros *Pandééréj* com suas mulheres e crianças viram pela primeira vez um não índio. A segunda viagem ocorreu cinco meses depois, com um grupo maior de sessenta e nove (DAL POZ, 1991).

Segundo a narrativa do capitão Cinta Larga foi a necessidade em usar as ferramentas como o machado para fazer a roça, o facão para fazer a picada e a faca pequena para apontar as flechas, que motivou o primeiro contato. Naquele tempo ele contou que viam uns aviões sobrevoando o local onde eles viviam com frequência, e isso fez com que nascesse a curiosidade de saber o que estava acontecendo, pois uma turma que caçava tinha visto o homem branco que eram os seringueiros que andavam na mata. Então os que tinham ido caçar retornaram para a aldeia para contar aos que haviam ficado que tinham visto umas pessoas diferentes. Ele relatou que foi perguntar onde tinham visto as pessoas diferentes.

Então ele pensou que era a hora de fazer uma visita pacífica com os brancos e onde ele planejou a ida e chamou o seu companheiro *Daeit Akat* para ir com ele e também, Eduardo Cinta Larga. Aí ele diz que falou “vamos planejar bem e nos preparar, pois não queremos que nos aconteça o mesmo que aconteceu com os pessoal de *mbipkaréj* (de Rondônia) que também tiveram a mesma ideia mais não foi muito amigável”. Então quando tudo estava pronto eles saíram da sua aldeia somente levando as suas esposas, pois não sabiam o que podia acontecer. Quando chegou na aldeia do *Manzejpi petjap* fizeram uma grande festa para comemorar a sua ida. Eles dançaram e cantaram uma música sobre a viagem que iam fazer.

Uma situação muito triste que marcou a narrativa dos anciões foi quando teve a terceira viagem da aldeia para a cidade de Aripuanã em que foi um número maior de famílias ao município de Aripuanã e então muitos contraíram doenças como: gripe, sarampo, malária, dentre outras doenças. Os anciões relataram que ao voltar para a aldeia iam morrendo mulheres

e homens, jovens e idosos e que eles presenciaram tudo isso e que foi muito triste sepultar seus companheiros de lutas, suas esposas e filhos. Foi uma cena muito marcante para eles.

Eles dizem que a necessidade forçou o contato. Aconteceu que quando viram dois caçadores que andavam por perto de onde estavam, eles resolveram aparecer para eles, e os caçadores os levaram para o acampamento deles. Eles narram que um dos caçadores queria atirar neles, mais eles estavam preparados e sabiam que tudo podia acontecer naquele primeiro contato. Felizmente deu tudo certo.

4 Considerações finais

Ao final do trabalho de conclusão de curso foi possível perceber que, de fato, a situação do primeiro contato foi trágica para o povo *Pandééréj*. Tanto no relato do não índio quanto nos depoimentos dos anciões entrevistados ficou claro que foi muito prejudicial para o povo. No entanto os relatos apresentam diferenças substanciais, como dissemos anteriormente, sobretudo no que diz respeito ao número de *Pandééréj* mortos, por doenças do não índio e ou mortos intencionalmente.

Acredito que quanto mais existirem trabalhos que falem da perspectiva do indígena *Pandééréj*, quanto melhor para que a história do contato deste povo seja mostrada por uma visão “de dentro”. É diferente a história escrita por alguém que faz parte do povo, que é indígena, e a história produzida por um não indígena. Este trabalho então foi todo realizado na perspectiva indígena.

Trata-se de um trabalho de pesquisa que foi feito com o Povo *Pandééréj* e é um registro feito por alguém que é indígena com o objetivo de saber qual foi o motivo que fez o povo querer ter contato com a sociedade não indígena, então este registro trata do primeiro contato do povo no município de Aripuanã.

Tem-se a certeza que este trabalho vai ser de suma importância para o povo, e um avanço grande para os *Pandééréj*. Este trabalho pode ensinar às novas gerações que seu povo quase foi dizimado e que o primeiro contato pode sim ter sido muito importante, mas custou a vida de muitos de seu povo, e esse foi o preço a ser pago pelos *Pandééréj*.

Espera-se que outros jovens possam manifestar o interesse em fazer um curso universitário e que tenham vontade de conhecer sobre a história de seu povo. Dessa maneira, a pesquisa que realizei poderá ser uma fonte de inspiração, assim como os trabalhos que foram

lidos ao longo do percurso de realização da pesquisa, também foi para mim uma fonte de inspiração. Como já dito que foi importante para mim, acredito que para meu povo é também importante, pois os anciões entrevistados me disseram que estavam felizes de saber que as memórias deles seriam historiadas por mim. Por isso foi muito importante realizar este trabalho sobre o contato do povo *Pandééréj* do município de Aripuanã, assim aqueles que não sabiam como o povo *Pandééréj* de Aripuanã fez o seu primeiro contato, agora podem saber.

Portanto foi um grande aprendizado que tive de poder fazer este trabalho com o meu povo *Pandééréj* e me sinto orgulhosa de pertencer a esse povo guerreiro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CRUIKSHANK, Julie. Tradição Oral e história oral: revendo algumas questões. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Org.). **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: EdFGV, 2002. p. 149-164
- DAL POZ NETO, João. **No país dos Cinta Larga**. Uma etnografia do ritual. Dissertação de Mestrado em Antropologia. USP: São Paulo, 1991.
- DUARTE, J. Entrevista em profundidade. In: **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. DUARTE, J.; BARROS, A. (Org.). São Paulo: Editora Atlas, 2006. Cap. IV, p. 62-83.
- ELIAS, Norbert. **A Sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.
- MINAYO, M.C.S. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1994. Cap. I, p. 9-29.
- POVO CINTA LARGA. Disponível em: <<https://pib.socioambiental.org/pt/povo/cinta-larga/420>> Acesso em: 2 maio, 2016.

ROUSSO, Henry. A memória não é mais o que era. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. **Usos e abusos da história oral**. 5. Ed. Rio de Janeiro: Ed.FGV, 2002. p. 93-101.

SOBRE O POVO CINTA LARGA. Disponível em: <www.pib.socioambiental.org>. Acesso em: 23 set. 2014

SURVIVAL, José Idoyaga. **Relatório ‘perdido’ expõe genocídio de índios brasileiros**. 25 de abril, 2013. Disponível em: <<http://www.survivalinternational.org/ultimas-noticias/9197>>. Acesso em: 15 nov. 2016

VIERTLER, R.B. **Métodos antropológicos como ferramenta para estudos em etnobiologia e etnoecologia**. In: AMOROZO, M.; MING, L.C.; SILVA, S.M.P. (Ed.) Seminário de Etnologia e Etnoecologia do Sudeste, 2001. **Anais...** Rio Claro: UNESP, 2002, p.11-29.

Consultores Nativos

Capitão Cinta Larga – entrevista realizada em 17 de agosto de 2015

Eduardo Kaban Cinta Larga – entrevista realizada em 17 de agosto de 2015